

Douglas Stuart

John, filho de John

Tradução de Nuno Quintas



a h-aon / um

Ela tinha os pés roxos que nem fígado de vitela. Foi o que o pai lhe disse antes de desligar a chamada. Cal, de pé na cabina encarnada ao fundo do parque dos Meadows, via os jogadores de rãguebi alongarem-se na relva viçosa. Os calções brancos colavam-se-lhes às coxas, deixando o tecido translúcido e visíveis as linhas elásticas das cuecas. Só em parte ouvia a leitura que o pai lhe fazia do Novo Testamento.

O pai nunca fora fã de conversa fiada, o que dava aos telefonemas a sensação de uma linha de apoio, como quando se liga às horas para acertar o relógio. Quando disse isto ao pai, era de tal maneira verdade, que ele se riu: John Macleod acreditava mesmo que a alma exigia permanente calibragem. Cal calibrava a sua todas as quartas, às dezoito horas em ponto, e outras duas vezes no sabat.

Não tinha dinheiro para as chamadas de longa distância às ilhas. Criaram então um sistema de sinais: Cal ligava para casa à hora combinada, ouvia três toques e desligava. O pai devolvia logo a chamada. O sistema obrigava Cal a chegar cedo e fingir falar com alguém, só para o telefone não ficar preso noutra pessoa.

Demorara a encontrar o lugar ideal de culto, uma cabina solitária que não ficasse de frente para outra. Quando o pai entoava o salmo, seria de esperar que Cal lhe respondesse em gaélico com toda a força da fé. Mas, se passava um tipo particularmente jeitoso, Cal encolhia-se e baixava a voz. John perguntava-lhe logo porque vacilava. Lidar com os olhares

daqueles estranhos fazia Cal sentir vergonha. Por isso, ficava de olhos fechados durante boa parte dos telefonemas ou de costas para o caminho. Descobriu que cantava melhor quando os dedos remexiam os cartões telefônicos ali deixados por prostitutas e massagistas.

Por tudo isto, gostava dos Meadows. Os campos ondulantes ajudavam-no a abrandar: era dos poucos espaços onde a cidade ganhava fôlego. Sentia que o parque o ajudava a sincronizar o compassar das ideias ao falar pausado do pai. Sabia que o pai contemplava o mar.

— Cíamar a tha thu an-diugh? — perguntou-lhe o pai em gaélico. *Como estás hoje?*

— *Bem. Tu?*

— *Não ando mal. Estou de pé. Louvado seja Deus.*

A conversa entre os dois era sempre objeto de censura, purgada do que não podiam dizer. Cal nunca lhe contou que não tinha onde viver. Que andava desde o fim da licenciatura a abusar da boa vontade dos colegas: saltava de sofá em sofá, esperava que saíssem para trabalhar e punha-se à cata de comida feito rato, comia só o que lhe matasse a fome, nunca muito para não o apanharem. Nunca lhe contou que depois do duche se secava ao ar ou que via bem por onde dava uma garrafa de leite para trocar por água da torneira o que bebia, ou que passava as noites aos caídos pelos subúrbios de Edimburgo para os amigos não sentirem obrigação de lhe dar de comer.

Não lhe contou que arranjava trabalho com uma tropa de albanesas a limpar as casas de banho, respingadas de vômito, do bar Negociants e do da Rua Rose. Ou que, ao levantar o primeiro ordenado, lhe descontaram metade pelos produtos de limpeza e sete libras e meia por guardarem baldes e esfregonas. Ou que, quando as confrontou, elas lhe disseram que, se achava o montante um exagero, que fosse falar com os maridos espaduados e hirsutos. E com certeza não contou ao pai que não teve coragem de o fazer.

Não lhe contou de todo que passava mais noites do que queria com um galês meigo, galês esse que, quando Cal o comia, gostava de ficar deitado de borco, braços por baixo e mãos enlaçadas em devoto desamparo. Se alguma vez contasse isso ao pai, seriam de certezinha as últimas palavras que os dois trocariam.

— *Andam tantos pombos por aqui, não têm medo nenhum.*

— Com tanto que jamais seria dito, Cal tentou ir vogando pela primeira parte da conversa. Como quem palmilha a água, havia sempre uma pontinha de desespero no discurso dele. Passava a semana com um papelinho para anotar os temas que lhe iriam ocupar o tempo. Tirou-o do bolso e sondou a lista. O pai devia achá-lo frívolo, pois Cal parecia fascinado por todo o género de coisas sem interesse.

— *Hoje vi muitos carros encarnados.* — Encolheu-se ao lembrar-se de já ter dito isto noutra telefonema. Levou um fio de cabelo à boca e chupou-lhe a chuva.

Foi um alívio quando a converseta acabou e começou a oração: Cal só tinha de acolher a Palavra e murmurar anuência no fim. A voz de John era suave, ganhara um tom bonito por ser chantre da igreja deles. Quando lia as Escrituras em gaélico, as palavras de danação convertiam-se sempre em algo belo, lírico, encantatório.

— *A bhràithre, ma tha neach air bith air a ghlacadh ann an euceart sam bith...* — principiou ele. — *Irmãos, se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão, olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado*¹.

Nas últimas semanas, empancara nos Gálatas, andava para a frente e para trás com a necessidade de correção fraterna. Podia ser assim, o pai: como o cio, vinha-lhe um livro específico que o dominava meses a fio.

¹ Esta e todas as citações da Bíblia Sagrada são da versão Almeida Revista e Corrigida (ARC). (*Todas as notas são do tradutor.*)

Feitas as orações, John dirigiu o coro. Deu o tom enquanto chantre, e Cal — a quinhentos quilômetros de distância e vendo os jogadores de rãguebi engalfinhados à chuva miudinha — respondeu-lhe, cantando com toda a devoção possível.

Terminado o canto, os dois voltavam a fazer conversa pouco natural. O pai nunca fora à capital. Cal aprendera a não falar muito de Edimburgo, caso contrário o sermão seguinte seria consagrado a pecados de toda a espécie. Se Cal lhe perguntasse pelo rebanho, pelo tear ou pelo tempo, recebia sempre a mesma resposta, pois de nada servia comentar o que nunca mudava:

«Está bom. Amanhã há de estar melhor. Queira Deus.»

Por isso mesmo, era significativa a referência de John aos pés arroxeados da avó de Cal. Este imaginou logo a cor do fígado de vitela, que podia ser púrpura, pardo e creme, morto e também grotescamente vivo. Conseguiu imaginar pés manchados e inchados, de ar gordo, com o sangue a aflorar e a fulgurar sob a pele nublada.

— *Da cor do fígado de vitela? Tens a certeza?* — Mal formulou a pergunta, soube que não tinha de a fazer. Havia passado a vida inteira a tecer, a pôr a trama a contraluz para garantir que era uniforme. Entre os dois, todo o diálogo sobre cor era concreto e preciso.

— *O tom é mesmo esse* — confirmou John. — *Não são só os pés. Ela não está bem do coração, queixa-se da circulação. Anda manca e mais devagar. E mais baralhada que o costume. Diz que conversa com as ovelhas.*

— *Ela diz sempre isso.*

— *Mas agora diz que as ovelhas lhe respondem.* — John estalou a língua. — *A mãe da tua mãe não é responsabilidade minha, John-Calum. Já falámos disso.*

— *Eu sei. Mas porque é que ela não pode ir viver com a minha mãe?*

Silêncio absoluto. Cal temeu que a chamada tivesse caído.

— *Estou? Pai, estás aí?*

— *Sim?* — retomou John. — *Estou. Queres que te responda a todas as perguntas parvas?* — Outra pausa. — *A tua avó diz que esta é a casa dela e aqui há de acabar os dias. Não vê razão para sair.*

Cal refreou a vontade de o provocar. Quis perguntar-lhe porque não podia a mãe voltar para casa, porque não podia ela cuidar da própria mãe e poupá-lo a ele do fardo de voltar. Mas a pergunta só daria discussão, engoliu-a sem mais.

— *É chegada a hora* — concluiu John, na certeza de um homem que sabe chegado o momento de se agir. — *Já te divertiste que chegue.*

Pensava Cal nesta conversa quando o *ferry* deu a sua guinada medonha. Pegou na pastilha e perguntou-se que sensação daria tomá-la com a barriga às voltas. Se programasse bem a coisa, chegando a casa estaria o efeito do *ecstasy* a passar. Queria chegar maravilhoso, dormente da sensação forte que o tomava ao ver a casinha² à beira-mar.

Engoliu a pastilha e empurrou-a com sidra.

O *ferry* ia rabujando na água, mas ele virou-se e viu o cais ficar para trás. Passara os anos de faculdade a explicar à gente da metrópole porque é que ele, sendo de uma ilha, não sabia nadar. A malta da cidade achava a ideia insana. Lá as pessoas pareciam ter tido todas aulas nas piscinas locais, umas coisas

² No original, *whitehouse* («casa branca»), construção típica das terras de montanha da Escócia e das Hébridas, em finais do século XIX, para separar pessoas e rebanhos, que habitavam no mesmo espaço — por oposição à *blackhouse* («casa preta»), construída segundo um método milenar típico da região (dois círculos concêntricos de pedra seca, com terra ou turfa no hiato entre os dois, e um braseiro ao centro), onde habitavam as pessoas de um lado e os rebanhos do outro. Na impossibilidade de uma tradução fiel, optamos por traduzir a moderna *whitehouse* por «casa» e a *blackhouse* por «casa tradicional».

tépidas, químicas, pungentes, como se a calma artificial nos preparasse para este mar inconstante e implacável.

Nem parecia agosto. A chuva caía oblíqua, tocada pelo vento oeste, que açodava os mares e abrandava os barcos todos. Com o afastar do cais, surgiu uma rara nesga nas nuvens e abriu-se o céu opaco sobre a cidade baixa. A cidade cintilou neste breve fulgor do sol e incitou-o a regressar. Ele encolheu-se no assento e puxou o gorro por cima das orelhas.

As pilhas do *walkman* tinham-se acabado no expresso para Glasgow. Estava sem vontade nenhuma de comprar um leitor de CD. Passara a adolescência a colecionar canções, a escutar religiosamente John Peel e Pete Tong, a gravar o que passava na rádio, abafando o rádio-leitor de cassetes com a almofada e cobrindo a frincha da porta com os lençóis. Mexeu nas pilhas e passou-lhes a língua pelas pontas, na esperança de uma ressurreição. Funcionaram mais meia canção, antes de Siouxsie Sioux se arrastar numa morte ébria e branda.

Sobravam-lhe seis cigarros húmidos no maço. Tirou e acendeu um, escudando-o do mau tempo. Deu-lhe uma passa e, achando-o amargo, levantou-o e perguntou-se se o acabaria de queimar antes que a chuva o apagasse. Dava para passar o tempo.

Mal dormira desde que, na tarde da véspera, saíra de Edimburgo. Via-se obrigado a chegar cedo a Uig para apanhar o único *ferry* com destino à ilha de Harris. Por isso, saiu de Edimburgo de expresso, passando por Glasgow, mas evitando todos os ilhéus que gostavam de se juntar nos bares à volta de Partick. Apanhou outro rumo a norte, às terras de montanha, e chegou a Fort William, onde mais uma vez evitou os exilados da ilha — conhecidos distantes que de bom grado lhe teriam aberto a porta e oferecido comida quente e sofá onde dormir. Ao invés, esbanjou o que sobrara de limpar casas de banho numa noite, amuado e desamado, no beliche de baixo de um albergue de mochileiros.

De manhã, rumou à ilha de Skye, daí viajou para noroeste e apanhou o *ferry* que o faria cruzar os mares. Tudo somado, de autocarro para expresso, outro expresso, o albergue, o expresso que embarcava no *ferry* para Skye, outro autocarro, este *ferry* insular, o autocarro insular e por fim o longo trajeto a pé, eram vinte horas até chegar a casa, um dia inteiro para se deslocar menos de quinhentos quilómetros.

Soprou a ponta acesa do cigarro e sentiu os olhos pesarem-lhe, à espera do efeito da pastilha. Enumerou tudo aquilo de que sentira saudades: do sossego, de Doll Macdonald, do mar. E as coisas que temia: o sossego, Doll Macdonald, o mar.

A chuva nos assentos formava poças, que se tornavam pequenos oceanos com o baloiçar do *ferry* no estreito de Minch. Agachou-se e viu o sacolejar das ondas. Aquecido pela comiseração crescente que sentia por si, nutria um ressentimento untuoso do pai, um rancor indigno do corpo envelhecido da avó, mas nele corria um veio de vergonha por ser tão egoísta, por tanto hesitar em cuidar de quem dele cuidara.

A meio caminho do Minch, um oficial de bordo veio ter com ele. A chuva caía quase na horizontal. O oficial, prudente, aproximou-se e mandou-o para dentro.

Lá dentro estava calmo. Distinguir ilhéus e visitantes era fácil: os ilhéus raramente olhavam para o mar. Liam em silêncio ou faziam as palavras-cruzadas dos jornais abandonados. Esparramavam-se nos bancos num sono profundo, mãos entrelaçadas ao peito, corpo torcido para manterem os dois respeitosos pés no chão.

Cal, todo encharcado, arrastava um saco grande de lixo. Enquanto o maxilar moía a pastilha, ele percorria o espaço à procura de um recanto vazio. Mirou os dedos que lhe saíam do *All-Star* rebentado. Se o vissem, e tinha a certeza de terem visto, antes de chegar já o pai saberia do estado em que ele se encontrava.

Tudo o que tinha cabia numa mochila e num saco do lixo dobrado. Levava menos de dez minutos a embalar quatro anos de vida. Pouco mais a dobrar-se, a esconder todos os bocados de si soltos desde que chegara à metrópole. Na verdade, não mudara assim tanto desde a faculdade e, ao vaguear pelo *ferry*, perguntou-se se sempre soubera que teria de voltar.

Enfiou-se na fila mais tranquila que encontrou. Meteu as mãos nos sovacos e pousou a cabeça no painel.

Em frente sentou-se uma senhora bem vestida, que ele não sabia quem era. Envergava um elegante fato de *tweed*, trazia o cabelo níveo encaracolado e arranjado. Sem maquilhagem, nela brilhavam apenas uma discreta aliança de casamento e as perolazinhas nos lóbulos das orelhas. Não parecia incomodada pelo agitar do mar: ele soube ser das ilhas. A senhora foi sentada de olhos fechados, numa reflexão serena, mãos fechadas em cima de uma Bíblia do Rei Jaime.

O *ferry* velho andava mais devagar do que Cal se lembrava. Sempre que o levava, galgava as ondas como seixo na água. Agora rangia e reclamava neste seu trajeto obstinado até às ilhas, como se partilhasse da relutância dentro de Cal. O ruído do motor era um consolo: pulsava-lhe na garganta o som surdo que nem sangue, num vibrar que lhe percorria os pés e a espinha até lhe zunir no espírito.

— Dè thachair dha d' aodann? — indagou a mulher. Abrira os olhos, as pupilas crescentes absorviam-no todo.

Ele tocou na cara e sentiu a testa quente, no sítio onde remexera uma borbulha até sangrar.

A senhora tirou um lenço da mala, deu-lho para limpar o sangue e disse em gaélico:

— *Ri-se de quê?*

— *De nada. Sinto-me só feliz por voltar.*

— *Devia tirar o gorro. Não vai dar pela diferença.*

Ele trazia um gorro de malha de um verde-lima tão ácido, que podia acabar com o apetite de uma pessoa. Ainda lhe

tapava as orelhas. Cal pensou tirá-lo, mas lembrou-se do que escondia.

— *Estou bem assim.*

— *E está branco que nem cal. Já vi que não é fã do ferry.* — Abriu uma embalagem de drageias e dobrou-se para lhe oferecer uma. Devia ter sentido nele um cheiro a álcool, pois inspirou e a expressão revirou-se-lhe. Recostou-se, num estalar dos joelhos. — *Querem-me lá ouvir isto? Toda eu pareço madeira a estalar.*

A pastilha ajudou-o a concentrar a carranca.

— *É da humidade, já a sinto.*

— *Ai, sim? Admira-me que sinta alguma coisa nesse estado.* — A mulher virou os botões todos do casaco para cima e mirou-o sem pestanejar. — *Tenho a impressão de te conhecer, moço. És donde?*

— *De Falabay.*

— *Ah, pois, lá gostam muito dos copos.* — Riu-se com amargura. — *Eu cá sou de Shawbost, mas Falabay... é difícil. Difícil, mas bonito* — admitiu. — *Se há coisa que não percebo, é alguém querer viver nesses rochedos.*

Ele nunca pensara nisso como escolha. Era o contrato de arrendamento rural do bisavô materno, o seu sustento, que, assim era a vida, um dia tinha sido transmitido a Ella e no futuro seria dele.

Ela chupava a drageia, bochecha toda empolada.

— *Como é mesmo o teu nome?*

A embarcação deu um solavanco. Cal fechou os olhos no tombo.

— *John Macleod. John-Calum.*

John Macleod. Nome comum como ovelhas brancas. Preferia Cal, era o que toda a gente lhe chamava. Não o lembrava tanto do pai.

A mulher franziu o cenho.

— *A quem é que pertences?*

A pergunta que os ilhéus faziam sempre. Com as famílias séculos e séculos na bruta labuta quando tinham um quinhão de terra teimosa, iam soando e ressoando os mesmos nomes. Por isso, tinham de saber a sua sloinntireachd, a linhagem.

— *Sou o John do John do Iain do Iain de Breabadair.*

A mulher ponderou a resposta.

— *Eu conheço-te* — lá disse. — *Conheci o teu avô. Foi voluntário com o meu pai na sociedade dos botes salva-vidas. Bom homem. A tua avó ainda é viva?*

Nem ele nem o pai tinham conhecido o pai da mãe: a avó Macleod falecera ainda John era bebé. Morrera no leito poucos dias depois de dar à luz John, a quem atribuíra o nome anglicizado de Iain na esperança de a família emigrar logo para Detroit, onde o marido tinha uma promessa de trabalho como bate-chapas. Cal assumiu que a mulher se referia à mãe da mãe de Cal.

— *A Ella? É viva, sim. O meu pai cuida dela. Ou cuida ela do meu pai, dependendo de quem perguntar.*

— *Ella. «E-lla». Isso mesmo. De Glasgow. É das tesas, não é? Homem nenhum mandava nela!* — A mulher afagou o coração, mas Cal não conseguiu dizer se por respeito, se por repulsa.

— *Vê-se que já andas há uns tempos fora.* — Ele perguntou-se como o percebia ela, mas, antes de responder, acrescentou ela: — *Andas com roupa para o tempo da cidade.*

— *Sim. Andei na faculdade, em belas-artes* — informou ele.

— *E agora vais-te portar bem?* — indagou ela, fitando-o diretamente.

— *Como assim?*

— *Vais ser boa influência nos jovens? Deixar a imoralidade na cidade?*

— *Ah, percebi* — disse ele, numa risadinha. — *Pois claro. Mas não se preocupe. Na minha terra, não há jovens.*

Assustou-o o rebentar de uma onda na janela. A mulher não teve reacção.

— John-Calum? — O homem alto que o chamou ia na direção dos lavabos aos solavancos. As pernas arqueadas não estavam acostumadas ao mar. Cal, num sorriso forçado à senhora, desfez o sorriso e recuperou-o. Ficou furioso por não lhe ter ocorrido a localização das casas de banho ao escolher lugar onde se sentar. — Aidh... não pode ser!

Innes MacInnes vivia a uns quilómetros da propriedade dos Macleods, suficientemente perto para ser considerado vizinho. Era o único amigo que o pai parecia ter. Innes vivia com o irmão mais novo, ambos solteiros. Digladiavam-se pela exploração do terreno da família e tomavam conta do pai, um velho intratável. Innes era conhecido por Innes Ciùin, o Innes Simpático, para o distinguir do pai, Innes Crùbaidh, um filho da mãe impiedoso. Os ilhéus tratavam-nos assim aos dois na própria cara. Ninguém ofendia, ninguém se ofendia.

Innes era alto e um pouco famélico. Perdia o cabelo trigo-euro, penteando-o para a frente de maneira a cobrir as entradas que assomavam. Pacato, era amistososo a falar. Os lados da boquinha fina enrolavam-se num sorriso que parecia incapaz de regular, tivesse boas ou más notícias a dar. Para alguém perto dos cinquenta, ainda estava em forma razoável graças às exigências da terra. De certos ângulos, Cal achava poder dizer que era jeitoso.

Innes olhou a senhora de Shawbost, e depois Cal. Temia interromper uma piada dos dois. Não percebia porque fazia Cal um sorriso rasgado e, em contrapartida, a senhora estava toda impávida e direita.

— Vi o teu pai na quinta-feira. Aidh... não me disse que voltavas.

Innes tinha um modo singular de falar, um inspirar súbito no preciso momento em que desatava a lançar palavras, como que um inalar dos pulmões: o chamado inspirar de Harris. E, mesmo não dizendo «*aye*» e preferindo o «*yes*» correto, o ofegar fazia-o parecia concordar sempre consigo, o que lhe tornava o discurso hesitante e prudente.

Um homem retorna à ilha da sua infância para encontrar tudo igual — mas só à superfície. O autor de *Shuggie Bain* regressa com uma história de um pai e um filho que se debatem com a escolha entre calar o segredo ou aceitar a verdade.

«Tenho de chegar ao fim da vida com alguma coisa que se veja. Se vou para o Inferno, quero um amor que mereça esse destino.»

Depois de uma temporada em Edimburgo para concluir os estudos em Belas-Artes, John-Calum Macleod regressa à terra natal, Falabay, na ilha de Harris. Chega sem dinheiro e com uma vocação artística a que não sabe dar préstimo, e descobre que pouco mudou, exceto ele. Na pequena quinta que o viu crescer, Cal dividirá a atenção entre os dois pilares que sustentaram a sua infância: o pai, John, criador de ovelhas, tecelão e bastião da Igreja Presbiteriana local, e a avó, Ella, que há anos mantém uma frágil paz com o genro.

A contragosto, retoma a rotina de antes: os dias passados a rondar os rebanhos, as noites sentado ao tear, a aprender de cores e de lãs. Percorrendo as encostas ventosas da ilha, Cal pergunta-se se haverá por ali homens solitários que o ajudem a preencher o marasmo dos dias, ao passo que o pai se questiona sobre os novos modos do filho, que regressou da cidade com o cabelo longo e pintado. São tão um do outro e, no entanto, conhecem-se tão pouco. À medida que as estações se sucedem no calendário, os fios que unem a pequena comunidade ameaçam quebrar-se.

Douglas Stuart, vencedor do Booker Prize com *Shuggie Bain* e finalista do Dublin Literary Prize com *Um lugar para Mungo*, confirma-se neste romance como uma das vozes mais auspiciosas da literatura anglófona, urdindo uma narrativa comovente sobre o conflito entre dever e desejo, amor e liberdade, e os efeitos corrosivos de viver uma existência secreta.



«É o seu melhor livro até agora, e um dos triunfos literários do ano.»

The Boston Globe



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [alfaguaraeditora](#)

 [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-589-449-9



9 789895 894499